

Cliente: Editora Língua Geral

Produto: Trinta e oito e meio - Capa



Foto: Luan da Silva

Maria Ribeiro nasceu no Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 1975. Formada em Jornalismo pela PUC, é atriz e documentarista. Participou dos filmes "Tropa de Elite", "Separações",

"Entre Nós", "Tolerância", entre outros.

No teatro, foi dirigida por nomes como Domingos Oliveira, Fauzi Arap e Hamilton Vaz Pereira. Integra o time de apresentadoras do programa "Saia Justa", do GNT, e, atualmente participa da novela "Império", da TV Globo. Escreve para a revista Tpm, e finaliza o longa metragem

"Esse é só o começo do fim da nossa vida", sobre a última turnê da banda Los Hermanos.



Uma das provas da possível existência de Deus é a variedade das suas criaturas. Quem não conhece a Maria Ribeiro não tem a menor ideia do que isso significa. Uma mescla talvez harmônica de alegria e tristeza, lucidez insensata e dispersa concentração, a liberdade de estar constantemente ocupada e amar a arte sobre todas as coisas.

Domingos Oliveira

Maria Ribeiro é linda, divertida, deliciosamente maluca, é intensa, é cômica, é deliciosamente neurótica, é vibrante, é atendida, ciumenta, deliciosamente brava, não se censura, sofre por ser tantas coisas, quando deveria agradecer por ser tudo isso. Ler o que ela escreve é como abrir o diário dos segredos femininos mais camuflados.

Marcelo Rubens Paiva

Sou suspeito para falar das crônicas da Maria, posto que sou personagem em algumas e conhecedor dos fatos e das pessoas que inspiraram outras. De modo que não vou elogiar, vou apenas descrever. Maria narra, a la Wes Anderson, a experiência de ter convivido com excêntricos Tenenbaums.

Jose Padilha



Língua
GeraL

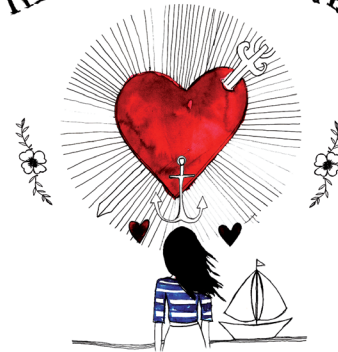


TRINTA E OITO E MEIO



MARIA
RIBEIRO

TRINTA E OITO E MEIO



= MARIA RIBEIRO =

ILUSTRAÇÃO

RITA WAINER

Língua
GeraL

Ela usa o cabelo preso num coque descabelado que pode ter sido feito com cuidado ou às pressas, e isso combina com o jeito como a Maria Ribeiro leva a vida. Ela dirige mandando mensagens no celular e conversando sobre sapato e problemas no casamento — numa mesma marcha, numa mesma frase. Porque, para ela, superficial e profundo convivem sem hierarquia. E esse é um dos grandes charmes da Maria. Outro é que ela é inteligente o suficiente pra rir de si própria e dizer frases que só ninguém diz, tipo: "meu cérebro é um psicopata hiperativo que só descansa com duas drogas pesadas: álcool e cinema americano".

Quem conhece a Maria Ribeiro sabe o quão preciosa ela é. E quem não a conhece, mas a acompanha, seja como atriz ou cronista, agora tem a sorte de tê-la ao alcance da mão. Porque é disso que se trata este volume. Não é atriz Maria Ribeiro escrevendo crônicas. Estas crônicas são a própria Maria. Se o uísque é o cachorro engarrafado, nestas páginas temos a Maria impressa — e morando numa casa pintada pela Rita Wainer.

Logo na abertura do livro, a Maria se diz desconfortável com a própria nudez, definindo-se (em mais uma de suas frases que ninguém diz), como: "um ser que encontrou a plenitude na calça jeans". Mas, ao virar de páginas, fica evidente que o desassossegado quanto ao nu da pele, não assombra a escrita. Na solidão do computador, entre palavras, Maria se desnuda com graça e desenvoltura, em crônicas de marejar os olhos e fazer rir. O tempo, que dá título a reunião, é seu aliado nessa trajetória íntima e delicada que, de tão pessoal, se torna comum. Ao falar de si, a Maria também fala de mim, de você, de todos nós.

Este livro é uma delícia. Só não é melhor que ser amiga da Maria.

Antonia Pellegrino